



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA  
PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO**

**ARYSTTÓTENES DA SILVA PRATA**

**LITERATURA DE CORDEL E SALA DE AULA: A CULTURA  
POPULAR COMO CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO  
CONTEXTUALIZADA NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO**

**Sumé - PB  
2011**

**ARYSTTÓTENES DA SILVA PRATA**

**LITERATURA DE CORDEL E SALA DE AULA: A CULTURA  
POPULAR COMO CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO  
CONTEXTUALIZADA NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Educação  
Contextualizada para Convivência com  
o Semiárido Brasileiro da Universidade  
Federal de Campina Grande / Centro  
de Desenvolvimento Sustentável do  
Semiárido, como requisito parcial para  
obtenção de título de especialista.**

**Orientadora: Prof<sup>o</sup> Ms. Quezia Vila Flor Furtado**

**Sumé – PB  
2011**

P9121 Prata, Arysttótenes da Silva.

Literatura de cordel e sala de aula: a cultura popular como caminho para uma educação contextualizada na Cariri Ocidental Paraibano. / Arysttótenes da Silva Prata. - Sumé - PB: [s.n], 2011.

55 f.

Orientadora: Professora Mestra. Quezia Vila Flor Furtado.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Educação contextualizada. 2. Literatura de cordel e educação. 3. Cultura popular e educação. I. Furtado, Quezia Vila flor.. II Título.

CDU: 37(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**ARYSTTÓTENES DA SILVA PRATA**

**LITERATURA DE CORDEL E SALA DE AULA: A CULTURA  
POPULAR COMO CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO  
CONTEXTUALIZADA NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO**

Monografia apresentada ao curso de  
Especialização em Educação  
Contextualizada para Convivência com  
o Semiárido Brasileiro da Universidade  
Federal de Campina Grande / Centro  
de Desenvolvimento Sustentável do  
Semiárido, como requisito parcial para  
obtenção de título de especialista.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Ms. Quézia Vila Flor Furtado  
Orientadora -UAEDUC/CDSA/UFCG - ORIENTADORA**

---

**Professor. Ms. Shirley Barbosa das Neves Porto  
Examinadora - UAEDUC/CDSA/UFCG – Examinadora Interna**

---

**Professora Dra. Alecksandra Vieira de Lacerda  
Examinadora - UATEC/CDSA/UFCG – Examinadora Externa**

**Sumé – PB  
2011.**

*Dedico este trabalho aos poetas do semiárido brasileiro e aos professores sertanejos. Estes, maestros incansáveis na defesa do conhecimento. Aqueles, menestréis incansáveis em defesa do que é belo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pai poderoso e fiel;

Aos meus pais Tota e Lourdinha, hoje e sempre;

Aos meus irmãos, companheiros de luta;

Aos colegas do curso, por dividir as dúvidas e as alegrias;

Aos professores, pela paciência e apoio;

A professora Quezia Flor, por dividir seu conhecimento e, principalmente, por não deixar que eu caminhasse sozinho...

Aos amigos Dino e Zé de Souza, pela amizade sincera e pelos momentos de descobertas, poesias e alegrias;

Ao professor José Maria Tavares de Andrade, que de longe se fez presente e me contemplou com seu brilhantismo intelectual e amizade;

Ao magnífico poeta Marco Di Aurélio, por sua amizade, fidelidade e contribuição na minha trajetória;

Ao poeta Astier Basílio, pelas conversas e por acreditar na poesia popular;

Ao poeta Arievaldo Viana por seus esforços em defesa da Literatura de Cordel e por sua ajuda para este trabalho;

Ao Jornalista Ivan Maurício por sua contribuição e interesse pela cultura popular.

*“Nunca ensino meus alunos,  
só tento dar as condições nas quais possam aprender.”  
Albert Einstein*

## RESUMO

Este trabalho propõe uma análise sobre a utilização da Literatura de Cordel como ferramenta de auxílio na educação e sua relação com a contextualização da educação para convivência com o semiárido brasileiro. A poesia popular, representada pelo cordel, como forma de ressignificar as práticas pedagógicas docentes, proporcionado um cenário pedagógico de desenvolvimento intelectual através da literatura popular do semiárido e sua interação com docentes, estudantes e conteúdos diversos. O objetivo geral deste trabalho é refletir sobre o uso da literatura de cordel como proposta pedagógica no processo de contextualização da educação no Cariri Ocidental paraibano. A pesquisa demonstrou que tanto professores quanto estudantes, do cariri ocidental paraibano, têm uma receptividade positiva em relação à Literatura de Cordel, reconhecem seu valor literário e se agradam deste tipo de leitura. Esta pesquisa utiliza abordagem qualitativa e se fundamenta nas orientações de José Maria Tavares de Andrade (2009), Paulo Freire (1970), Helder Pinheiro (2007) e Arievaldo Viana (2010).

Palavras Chave: interação, reflexão, contribuição



## RESUMEN

Este trabajo propone un análisis sobre el uso de la literatura de cordel, como una herramienta de ayuda en la educación y su relación con el contexto de la educación para la convivencia con el semiárido brasileño. La poesía popular, representada por el Cordel, como una manera de profesores cambiare pedagogías de enseñanza, recriando el escenario pedagógico proporcionando un desarrollo intelectual a través de la literatura popular de los áridos y su interacción con los profesores, estudiantes y contenidos diversos. El objetivo de este trabajo es reflejar sobre el uso de la literatura como una propuesta pedagógica en el proceso de contextualización de la educación en la región del Cariri Ocidental Paraibano. La investigación ha demostrado que tanto profesores como estudiantes del cariri paraibano, tiene una acogida positiva en relación a esta literatura, reconocen su valor literario y el atractivo de este tipo de lectura. Esta pesquisa tiene el propósito, esta investigación utiliza un enfoque cualitativo y se basa en las directrices de José Maria Tavares de Andrade (2009), Paulo Freire (1970), Helder Pinheiro (2007) y Arievaldo Viana (2010).

Palabras clave: interacción, reflexión, contribución.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.2	METODOLOGIA.....	15
1.2.1	Sujeitos da Pesquisa.....	17
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO, CULTURA POPULAR E ESCOLA: O SENTIR, O PENSAR E O AGIR NA EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO .....</b>	<b>18</b>
2.1	O QUE É CULTURA?.....	21
2.2	O QUE É CULTURA POPULAR?.....	23
<b>3</b>	<b>LITERATURA DE CORDEL: PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS.....</b>	<b>27</b>
3.1	A LITERATURA DE CORDEL: AS RELAÇÕES ENTRE O ORAL E O ESCRITO.....	31
3.2	A PRESENÇA DA LITERATURA DE CORDEL NA CULTURA POPULAR DO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO.....	33
<b>4</b>	<b>O USO DA LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA: A CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO PELA CULTURA POPULAR NATIVA.....</b>	<b>36</b>
4.1	PODEMOS ENSINAR COM O AUXÍLIO DO CORDEL!.....	40
4.2	O USO DA LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO DE ASSIS GONZAGA, PRATA – PB.....	43
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Analisando os primórdios da educação no Brasil, e em particular no semiárido brasileiro, com suas mudanças estruturais e sociais, no pensar e fazer pedagógico, nas relações e no cenário escolar, mais precisamente, a sala de aula; percebemos uma constante transformação no que tange às propostas pedagógicas, interação entre professores e educandos e o processo ensino/aprendizagem resultante desta interação. A sala de aula e o fazer pedagógico, destacando-se a relação: professor/estudante/conteúdos estudados; vem ganhado maior atenção nas comunidades científicas e sociais e também nas comunidades científicas.

A escola, uma das principais fontes formadoras de opinião e de cidadãos conscientes, recebe na atualidade, um novo olhar em relação às suas dificuldades, obstáculos e resultados perante a sociedade – destacando-se aqui, o mercado capitalista interno em constante crescimento e uma sociedade carente de uma educação renovadora e transformadora.

Em um mundo globalizado, onde vivenciamos transformações marcantes no campo tecnológico, social e político; as relações sociais também são estimuladas a acompanhar estas renovações tanto na comunicação, na convivência coletiva e, principalmente, nas instituições responsáveis diretamente pela formação intelectual e cidadã, ou seja, a escola; com seu conjunto de elementos direcionados à educação e emancipação do homem.

É difícil e até surreal, imaginar, na atualidade, uma escola de encontro as tendências tecnológicas e aos novos recursos didáticos, uma instituição de ensino que não esteja voltada para as mudanças no mundo e nos povos. Uma escola retraída e indiferente as novas possibilidades e maneiras de se fazer educação.

O homem, e sua constante busca pelo conhecimento, em tempos modernos, une velhas práticas educativas às novas tendências na educação para ressignificar as práticas pedagógicas e produzir novos saberes. Apesar

dos intensos avanços no campo da tecnologia e seu uso na prática pedagógica e na docência, algumas práticas educativas e recursos didáticos tradicionais não são excluídos para dar lugar às novas metodologias de ensino, na verdade, as novas perspectivas de fazer educação, cada vez mais, corroboram a importância de se unir novas práticas pedagógicas aos saberes e práticas tradicionais. Um processo de contextualização da educação onde os saberes clássicos interagem em consonância com os saberes populares e comuns à determinadas comunidades sociais, resultando numa nova perspectiva de ensino/aprendizagem.

Esta pesquisa apresenta a importância do uso da Literatura de Cordel como recurso didático para contextualização do ensino nas escolas públicas do semiárido; esta temática foi vivenciada e continua presente na minha prática docente, desde que assumi as disciplinas de língua portuguesa e língua espanhola nas turmas do ensino médio e também Ensino de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco de Assis Gonzaga, localizada no município da Prata, microrregião do Cariri Ocidental paraibano. Fora também, neste centro de ensino, que tive a oportunidade de ser gestor escolar durante os seis anos anteriores à prática docente. No ano de 2004, quando iniciei minha trajetória de trabalho e, conseqüentemente, de análise da educação ofertada em minha escola, assumi a função de diretor adjunto da citada instituição de ensino, vindo posteriormente a assumir a direção e a responsabilidade pelos projetos pedagógicos a serem trabalhados naquele educandário. Durante o período que estive responsável pela gestão escolar, muitos questionamentos acerca da qualidade e da eficiência das metodologias empregadas nas salas de aula, começaram a nascer em minha mente. O ofício de gestor escolar permite observar e refletir de maneira crítica e com mais clareza sobre as intervenções nas salas de aula. É possível fazer comparações e juntar experiências significativas, de maneira criar novas metodologias e práticas pedagógicas que consigam alcançar bons resultados como também é possível apontar, através das observações e comparações, dificuldades e necessidades diversas nas práticas empregadas no ofício docente. Mas, foi a partir do contato direto com os estudantes, na vivência da sala de aula, que pude colocar em práticas minhas reflexões sobre um fazer

pedagógico diferente. Foi a partir daí que pude vislumbrar novas perspectivas de contextualização da educação. O ideal de ressignificação das práticas pedagógicas ganhavam mais força e mais atenção, seria o início das minhas inquietações quanto a necessidade de uma revisão e efetivação de novas maneiras de ensinar, a partir de ideais freireanos de aproximação do ensino pelos estudantes através de práticas comuns aos educandos, ao seu dia a dia e sua cultura local.

Em 2007, após quatro anos de gestão escolar, pude assumir a sala de aula, numa ocasião em que tive a oportunidade de ensinar diferentes disciplinas, o que também facilitou minha percepção de diferentes fazeres, pensamentos e sentimentos. Minha experiência passada como gestor escolar, permitiu introduzir, ou tentar iniciar, minhas novas perspectivas de interação professor/estudantes, conteúdos/ensinamentos. A minha inquietação sobre a melhor maneira de introduzir os conteúdos seja de história, literatura ou geografia; agora se tornavam mais sólidas e em minha mente, começava a se estruturar novas idéias de ensinar e interagir com os estudantes. Meu desejo de reorganizar as práticas docentes ganhava mais força e à medida que analisava o cenário escolar e o desenvolvimento estudantil, minhas observações, enquanto docente, me levavam a questionar diversos elementos presentes no contexto da sala de aula e da relação professor/estudante.

O livro didático e seu conteúdo descontextualizado tornou-se meu primeiro alvo e objetivo a ser analisado e questionado. O distanciamento entre as manifestações literárias consagradas e realidade dos estudantes, firmou-se como dicotomia fundamental a ser estudada e levada a discussão. Durante o percurso da minha investigação, tornou-se cada vez mais evidente que no livro didático utilizado no semiárido, existe uma relevante oferta de poesias clássicas e uma rara ocorrência de poesia popular, tornou-se evidente também, o gosto pela literatura de cordel por parte dos estudantes desta região, seja por sua linguagem comum ou por está presente há décadas em nossas raízes culturais.

Nesse contexto percebi a aceitação da literatura de cordel por parte dos estudantes, destacando-se como leitura prazerosa e comum ao cotidiano dos

educandos, foi a percepção desta nova realidade que chamou minha atenção e tornou-se um convite à pesquisa em relação às situações significativas que esta literatura popular pode resultar com seu uso efetivo nas salas de aula do semiárido, haja vista que a literatura de cordel, embora nascida na Europa durante a Idade Média; fincou raízes na região nordeste e permanece presente até hoje na cultura e no imaginário popular dos povos do semiárido. Conforme prega CURRAN (1998), onde diz que: “[...] nesse sentido, o cordel pode ser considerado o documento popular mais completo do Nordeste brasileiro”, assim, constitui-se, pois, em um rico material de estudo histórico-social e literário.

É fundamental destacar a importância da cultura popular na vida dos nativos da região do semiárido. Com raízes antropológicas características de povos que se destacam e sentem prazer pela cultura popular, o fazer pedagógico não deve opor-se a esta vertente, torna-se notório a importância de se fazer uso destes elementos populares criativos para transformar as relações dentro do ambiente escolar e auxiliar no desenvolvimento educacional coletivo. O livro didático que chega às escolas da região do semiárido, geralmente, é desprovido de traços e conteúdos relacionados à cultura popular sertaneja e a poesia popular própria do semiárido, em destaque, a poesia de cordel, manifestação da nossa cultura popular, muitas vezes é renegada e colocada em segundo plano. A poesia ofertada nos referidos livros, em suma trazem os mesmos poemas e mesmos autores, sendo observada a problemática em diferentes obras de diferentes editoras. A poesia própria do semiárido assume pouquíssimo espaço nestas obras e, em muitos casos, o espaço que ocupa é “figurativo”, ou seja, não são trabalhadas as suas características próprias figurando, muitas vezes, as capas dos cordéis, apenas.

Em 2010, após os primeiros contatos com os estudos sobre Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro, na UFCG/Sumé, minhas inquietações e reflexões sobre a importância de explorar o uso significativo da poesia popular comum aos estudantes locais, tornaram-se mais evidentes e, uma pesquisa que procurasse descrever o uso do folheto de cordel e sua recepção nas salas de aula, bem como os resultados desta

interação, surgiu como necessidade pessoal de encontrar repostas com embasamento teórico associados a minha prática docente.

Compactuando com o pensamento de ALVES (2007), que diz que “[...] de todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula” (p. 17). Percebemos então, um distanciamento existente entre o fazer pedagógico docente e a poesia; de uma maneira geral e em especial, a poesia popular ou a poesia de cordel. Percebemos que, este distanciamento entre fazer pedagógico e a poesia popular acaba deixando-a marginalizada e em segundo plano nas salas de aula. Este entendimento nos remete ao “preconceito lingüístico” e o sufocamento da cultura popular pela cultura elitista, esta última, mais presente nas escolas e nas práticas pedagógicas no semiárido.

Ainda sobre a união da cultura popular com o fazer pedagógico, recentemente descreveu MORIN (2011), em um artigo no famoso periódico francês, *Le Monde*, sobre a “democratização da poesia” e os benefícios e a fundamental importância da cultura estética para a vida. Questão que trataremos com o desenvolvimento deste trabalho, mas que, a priori, nos instiga a seguir adiante investigando as possíveis ações significativas que a utilização da literatura de cordel na sala de aula pode trazer para a educação no semiárido.

Durante a pesquisa e procura pelo acervo e fundamentos teóricos que pudessem me orientar e traçar os caminhos ou rotas a seguir, para chegar aos frutos coletados no uso cordel nas escolas, outra experiência marcante ampliou e definiu o *corpus* deste trabalho. O Projeto “Acorda Cordel”, que utiliza a poesia popular na alfabetização de jovens e adultos, adotado pela Secretaria de Educação, Cultura e Desporto de Canindé – CE. Este projeto - no qual pude acompanhar e perceber sua importância junto à comunidade escolar na qual o cordel está inserido; serviu para reafirmação das minhas perspectivas de pesquisa sobre o tema e me incentivou a continuar seguindo neste trabalho. Foi a partir deste projeto que pude observar que cada vez mais cresce o interesse, tanto de estudantes quanto de professores – especialmente das escolas públicas da região Nordeste, pela literatura de Cordel. Esse poderoso

veículo de comunicação de massas, que, parafraseando VIANA (2010), já foi oportunamente batizado de “professor folheto” e tem sido responsável durante muitos anos, pela alfabetização de milhares de nordestinos, constituindo, em muitos casos, o único tipo de leitura a que tinham acesso as populações rurais na primeira metade do século XX.

Levando em consideração o que já vem sendo estudado por diversos pesquisadores e concentrado na minha prática docente com o uso do cordel, o desejo de fomentar esta discussão em relação ao uso da literatura de cordel nas escolas me faz trilhar este caminho de estudo e conscientização de nossas potencialidades culturais e literárias. Assim, nesta proposta de pesquisa, tentaremos abordar a problemática que envolve o uso da literatura de cordel nas escolas públicas do cariri ocidental da Paraíba e em especial, sua abordagem e resultados na minha prática docente e na escola escolhida para pesquisa de campo.

Temos como objetivo geral refletir sobre o uso da literatura de cordel como recurso didático de contextualização da educação na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco de Assis Gonzaga. Como objetivos específicos, propomos verificar o uso da Literatura de Cordel e sua recepção nas salas de aula, bem como os resultados desta interação e também refletir sobre o uso da poesia popular de poetas do semiárido, nos diversos conteúdos curriculares e a importância da contextualização da poesia no processo de escolarização.

## 1.2 METODOLOGIA

Considerando o que foi proposto a se investigar e os diversos estudos existentes sobre o semiárido brasileiro e seus aspectos naturais, sociais e culturais, como também da cultura e poesia popular. Esta pesquisa assume uma característica social adotando-se então, uma ordenação racional que passou a orientar a construção deste trabalho. Desta forma, destacamos abaixo os procedimentos utilizados (meios) para consolidação da pesquisa aqui proposta.



A primeira etapa deste estudo é a pesquisa de abordagem qualitativa, com intenção de levantar fundamentação teórica baseada em produções científicas referentes ao uso da literatura de cordel nas salas de aula. Segundo Taylor & Bogdan (1987 p. 20, 23) “A investigação qualitativa é uma arte, não possui procedimentos rígidos e refinados. Este tipo de pesquisa possibilita ampliar o universo de investigação “considerando as pessoas e experimentando o que elas sentem em suas lutas cotidianas na sociedade”. Também serão utilizadas outras fontes de pesquisa como artigos em periódicos, dissertações, artigos acadêmicos, livros, teses e sítios virtuais.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco de Assis Gonzaga, no município da Prata – PB, na perspectiva de se analisar a recepção do cordel pelos estudantes, o desenrolar do enfoque (conteúdo) tratado pelo cordel e a avaliação dos decentes nesta prática.

O instrumento utilizado no processo de coleta de dados foi um questionário por considerar que o mesmo “é a forma mais usada para coleta de dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja [...], o próprio informante preenche [...] e pode ser aplicado a um maior número de indivíduos.” (CERVO; BERVIAN, 1983, p159). Portanto, o questionário foi composto de perguntas abertas e proporcionou uma maior aproximação com os sujeitos da pesquisa.

A análise dos dados foi realizada na perspectiva de análise de conteúdo, em concordância com Bardin ao elucidar que esta análise pode ser entendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, [...], indicadores [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.” (BARDIN, 1977, p.42). Do ponto de vista analítico instrumental este conceito será fundamental para compreensão dos dados fornecidos nas entrevistas e para a extração de indicadores.

### **1.2.1 Sujeitos da Pesquisa**

Escolhemos aplicar questionário com 02 (dois) professores e 08 (oito) estudantes pertencentes à escola objeto de estudo. Os docentes foram selecionados pela sua área de conhecimento – humanas, e por lecionarem na turma selecionada, no caso, o 3º ano diurno do Ensino Médio. Os estudantes, também foram selecionados na referida turma. Os sujeitos serão identificados como “Professor I” e “Professor II”; “Estudante I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII”.

## **2 EDUCAÇÃO, CULTURA POPULAR E ESCOLA: O SENTIR, O PENSAR E O AGIR NA EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO**

A educação no Brasil, ao longo dos anos, vem passando por significativas transformações em sua estrutura política e pedagógica. Estas mudanças, algumas vezes retrógradas, outras, renovadoras, configuram uma conjuntura que nos permite, enquanto estudantes, enquanto pesquisadores, recriar a dinâmica trajetória em que a educação brasileira está inserida. Quando pensamos em educação, salta-nos à mente, um modelo, um caminho único no qual a educação nacional sempre tomou rumo. Pensar educação, em geral, é criar um cenário único, de mesmo contexto, muitos obstáculos e poucos resultados. Uma situação comumente compartilhada por grande parte dos educadores, em especial, da região do semiárido brasileiro, particularmente, os educadores que talvez mais precisem repensar suas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, o cenário da educação regional.

Repensar ou recriar esta trajetória da educação no nosso país com interesse na nossa herança cultural, em especial, a cultura e a educação no semiárido brasileiro, é um dos eixos norteadores que regem este trabalho. Não se faz, porém, necessário o aprofundamento do entendimento das diversas transformações na qual passou a nossa educação, uma vez que o alvo de nosso debate é a inserção de novas políticas educativas com intenção de melhoria do ensino nas escolas públicas do semiárido; faz-se necessário então, uma pesquisa direcionada às novas práticas pedagógicas voltadas para a contextualização da educação em nossa região, sobre práticas pedagógicas que permitam não somente a transformação da educação, mas também da maneira de educar, do fazer pedagógico e das relações existentes no ambiente escolar. Recriar ideias que consigam renovar velhas práticas (ainda) utilizadas nas salas de aula e que possam resultar na união dos saberes clássicos com os saberes comuns aos estudantes do semiárido é um dos pensamentos “pilares” da doutrina transformadora e emergente que defendemos e conhecemos como “contextualização da educação”. Uma nova perspectiva de educar nesta região conhecida mais pelos períodos de estiagem, de seca, que

pelas inúmeras potencialidades naturais e culturais. A educação contextualizada, terminologia que vem ganhando força e seguidores no meio social e educacional, tem suas diretrizes pautadas no respeito e no uso dos saberes populares direcionados ao fazer pedagógico e as relações dinâmicas da sala de aula; a ressignificação do currículo escolar, de maneira que este possa contemplar o conhecimento popular e costumes dos povos do semiárido, não desprezando suas raízes culturais nem o conhecimento universal, e sim, unindo os saberes em sua diversidade, de maneira que possam interagir e melhorar a educação como um todo. Parafrazeando LINS (2011) que nos alerta quanto à descolonização do currículo e às questões dos conteúdos corporificados no currículo escolar como um “conhecimento oficial” e como também destaca Tomaz Tadeu (1996), em seu texto “Descolonizar o Currículo: estratégias para uma pedagogia crítica”, onde o autor traz contribuições de Michael Apple sobre o processo de contextualização do currículo, onde nos ensina que a educação contextualizada passa pela estratégia de descolonização do currículo e da educação e isso significa desfetichizá-lo, desoficializá-lo, desurbanizá-lo, desmasculinizá-lo, ou seja, romper com os discursos oficiais (do branco, do urbano, do macho, do heterossexual) do sul/sudeste no contexto do Brasil.

Estas afirmações nos permitem vislumbrar uma nova perspectiva de fazer pedagógico onde os currículos prontos cedem espaço para novas didáticas de ensino e a cultura popular ocupa seu lugar de destaque ao lado das culturas clássicas. Podemos destacar aqui, a cultura popular como identidade cultural e social que precisa ser respeitada e compreendida nas práticas educativas; a necessidade de lançar um novo olhar não somente às diferenças mas a diversidade dos povos, sem caracterizá-la, marginalizá-la ou tratá-la como “temas transversais”, como afirma SILVA(2001):

A teoria social contemporânea sobre identidade cultural e social recusa-se a simplesmente descrever ou celebrar a diversidade cultural. A diversidade tampouco é um fato ou uma coisa. Ela é o resultado de um processo relacional – histórico e discursivo – de construção da diferença (SILVA, 2011, p. 101).

Assim, precisamos acreditar e, defender, através de ações e práticas responsáveis, um currículo democrático centrado na contextualização da

educação, dos saberes e práticas pedagógicas. É na escola, no fazer pedagógico, na prática cotidiana docente, nas academias e nos grupos sociais que esta nova perspectiva deve ser explorada e defendida. A contextualização da educação deve e precisa transcender os livros, a teoria e criar raízes nos educandários do semiárido nordestino.

Para tanto, é de suma importância que se compreenda melhor sobre o semiárido, ou seja, se faz necessário compreender a natureza do termo:

O novo semiárido oficial, cuja área é de 969.589,4 Km<sup>2</sup>, englobando 1.133 municípios correspondentes aos estados Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, mais o norte de Minas Gerais (CARVALHO, 2011, p. 18).

Assim, podemos acrescentar que o semiárido é muito mais que um grande agrupamento territorial; suas diferenças, diversidades culturais características naturais fazem da região um potencial agrupamento de identidades distintas e culturas populares associadas compartilhando crenças, raças, sabores e artes que precisam compor o currículo escolar e as práticas pedagógicas nas salas de aula. Para os primeiros passos rumo à educação contextualizada e transformadora para convivência com o semiárido brasileiro, é fundamental identificar saberes comuns entre os povos do semiárido e dentre as muitas culturas predominantes, talvez nenhuma terá tamanha recepção e presença comum quanto a Literatura de Cordel, manifestação literária tão presente na cultura popular do semiárido nordestino. Talvez pelo contato direto com o homem simples, sertanejo, a ausência de processos tecnológicos ousados ou por sua linguagem simples, objetiva e tão característica do popular, como bem descreve CARVALHO (2006) *apud* SILVA (2008):

Ao contrário da indústria cultural, os brincantes da cultura popular produzem cultura a partir de uma tecnologia mecânica simples, em tudo diferente da tecnologia característica do capitalismo tardio. A energia que manipula é basicamente humana, centrada na corporalidade, no uso das mãos, do controle do processo produtivo/criativo pelo corpo, esvaziando assim os elementos de força produtores do simulacro, reencantando-os, ao mesmo tempo em que trazendo-nos de volta para uma dimensão mais próxima do real. Por este motivo resistem um pouco mais a serem capturados pela lógica da mercadoria cultural feita em série, barata, desencantada, cujo maior valor agregado é o simulacro, onde os

suportes materiais produzem bens simbólicos como puros efeitos virtuais. Esse é o contexto político-cultural e socioeconômico em que se utiliza em alguma medida de tecnologia, nunca alcança o nível manipulado pela indústria cultural, dimensão que organiza e dá sentido majoritário à vida simbólica nas sociedades altamente industrializadas (CARVALHO, 2006, apud SILVA, p.9).

Nas palavras de SILVA (2008), é preciso recusar a hierarquização das expressões culturais e sua articulação em culturas subalternas e culturas dominantes. É necessária uma nova visão do processo cultural como um todo, mas também da educação e da escola. É preciso então, reorganizar as concepções de cultura dentro das escolas e, principalmente, as nossas próprias concepções do que seja “Cultura” e “cultura popular”

## 2.1 O QUE É CULTURA?

A definição do que é cultura nos transporta para um imenso labirinto de definições subjetivas e imprecisas. Muitas definições podem ser dadas para “o que é cultura” e grande maioria pode ser aceita, levando em consideração o pressuposto de que cultura é a representação de diversas manifestações coletivas tradicionais. Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn (1952) compilaram uma lista de 164 definições de “cultura” e costuma-se aceitar que a ideia atual de cultura, começou a se formar a partir do século XIX, sendo praticas de ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. Se refere a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identifica uma sociedade. A cultura diz respeito também aos aspectos da vida social relacionados à produção de saber, arte, folclore, mitologia e costumes.

De acordo com BRANDÃO (2008), a cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, às nossas vidas e aos nossos mundos. De uma pequenina palavra a toda uma teoria filosófica, estamos continuamente elaborando, partilhando e transformando diferentes sistemas de compreensão da vida e de orientação da conduta social. Criamos os mundos sociais em que vivemos e só sabemos

viver nos mundos sociais que criamos; ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criar com outros os seus outros mundos sociais. E isto é a cultura que criamos para viver e conviver.

A nossa constituição apresenta sua própria versão do que seja “cultura”:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988)

Sobre a definição de “cultura”, nos ensina ANDRADE (2009):

A complexidade do meio urbano-industrial cria, na sociedade, uma diversidade de padrões, de valores, de maneiras de viver ou aspectos específicos que recebem uma classificação do ponto de vista cultural. Assim, temos vários termos, como: cultura religiosa, cultura científica, cultura técnica, cultura dominante, cultura alienada, cultura desalienada, cultura humanística, cultura nacional (patriótica), cultura folclórica, cultura clássica que dão conta destas subdivisões de aspectos (pag. 69).

Segundo Mello (2011), a principal característica da cultura é o chamado mecanismo adaptativo: a capacidade de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais rápida que uma possível evolução biológica. Além disso a cultura é também um mecanismo cumulativo. As modificações trazidas por uma geração passam a geração seguinte, de modo que a cultura transforma-se perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência, reduzindo o esforço das novas gerações.

Assim, percebemos que o termo “cultura” e sua significação é bem ampla e diversificada, porém, sua verdadeira essência: o ser humano como

eixo de interação e fonte original de saber e de interação, é compartilhada por vários teólogos e pesquisadores, como nos ensina Brandão:

Cada ser humano é um eixo e interações de ensinar-aprender. Assim, qualquer que seja, cada pessoa é em si mesma uma fonte original de saber e de sensibilidade. Em cada momento de nossas vidas estamos sempre ensinando algo a quem nos ensina e estamos aprendendo alguma coisa junto a quem ensinamos algo. Ao interagir com ela própria, com a vida e o mundo e, mais ainda, com círculos de outros atores culturais de seus círculos de vida, cada pessoa aprende e reaprende. E, assim, cada mulher ou homem é um sujeito social de um modo ou de outro culturalmente socializado e é, portanto, uma experiência individualizada de sua própria cultura (BRANDÃO, 2008, p.33).

Ainda que tenhamos abordado as definições de *cultura*, interessa mais a este trabalho, o entendimento acerca da “*cultura popular*” e suas características próprias e consonantes com o nosso habitat semiárido. Nossa pesquisa tem sua atenção voltada para a Literatura de Cordel como manifestação popular característica da oralidade e da cultura do Nordeste brasileiro, por ser um exemplo de riqueza lingüística, histórica e de representatividade social; o cordel assume então, o papel de “contador de histórias” da cultura do povo sertanejo e um dos principais representantes aclamados da cultura popular do semiárido brasileiro.

## 2.2 O QUE É CULTURA POPULAR?

A cultura popular do semiárido, em especial, a poesia popular, um dos eixos centrais desta pesquisa, se destaca pela maior interação com as massas, a coletividade e as manifestações populares marginalizadas e subjugadas em relação a uma cultura de elite ou cultura tida como “clássica”. Sobre o surgimento da literatura popular como manifestação cultural, fazemos uso das palavras de LUYTEN (2005), onde nos explica que a literatura popular aparece no Ocidente em duas etapas. A primeira é a partir do século XII, como manifestação leiga independente do sistema de comunicação eclesiástico. Ela se caracteriza sobretudo por ser uma linguagem regional e não ser feita em



latim, que naquela época era língua oficial de toda a Europa cristã. Aos poucos, tanto as pessoas do povo como os nobres iam contando suas histórias e compondo seus versos de forma primitiva, diferentemente das comunicações em latim, que tratavam quase sempre de assuntos eruditos ou religiosos.

É fundamental estabelecer aqui, uma diferenciação entre o “clássico” e o “popular”. Na cultura popular, destacando-se a “poesia popular” – eixo alvo desta pesquisa, que corresponde a um contexto comum a nossa realidade, aos nossos talentos, nossas raízes sertanejas e as produções de nossa época. Já a “poesia clássica”, corresponde às manifestações e produções de outras realidades e situações incomuns às manifestações culturais do semiárido, conforme explica Andrade (2009):

Achamos que *clássico* diz respeito, antes de tudo, a uma dimensão temporal. A maturidade intelectual existia numa obra, e apenas foi reconhecida, de modo a torná-la consagrada no setor das artes, principalmente. As obras não são clássicas por sua origem. Nem todas as expressões clássicas nasceram na elite, ou em classe dominante. (ANDRADE, 2009, pag. 71)

Sobre as diferenças, também analisa Silva:

Não é difícil, então, compreender que os conflitos culturais assentados nesta oposição entre cultura popular e cultura de elite são, na verdade, correlatos a diversos outros conflitos – raciais, de classe, políticos, econômicos e simbólicos. Esta estrutura cultural popular/precariedade de material/escasso poder político vigente no país, se manifesta também no fato de que um enorme contingente de mestres populares são negros. É dessa maneira que resta inegável que uma grande parte da censura, do silenciamento, da opressão, da dificuldade que muitos grupos de cultura popular sofrem no Brasil é consequência, sobretudo, da realidade municipal, de prefeitura racistas, opressoras, preconceituosas e terrivelmente classistas (SILVA, 2008, p.8).

Assim, percebemos quão importante se faz, uma análise mais apurada dos dois termos; e um posicionamento mais crítico e realista acerca da opressão e das dificuldades enfrentadas pela cultura popular nos grupos sociais, centros de ensino e instituições públicas, uma vez que a cultura clássica está mais voltada para uma “cultura generalizada”, enquanto que a cultura popular, às raízes e as manifestações menores, mas não menos importantes. É fundamental entender também que a cultura popular não está

dissociada da cultura clássica, conforme nos ensina ANDRADE (2009): a cultura popular é a base da cultura nacional; como as massas rurais analfabetas, ainda integradas, ou não, na produção e no consumo nacional, são a base de nossa população.

Sobre as manifestações da cultura popular, descreve Andrade:

Seja como estudo das configurações atuais de nossa coletividade, urbana e rural – a documentação de surgimentos de criações novas em todos os setores particulares da cultura popular. Por exemplo, novas criações tanto artísticas (literatura oral e de cordel, com renovações de estilos e motivos) como artesanais (ANDRADE, 2009, pag. 74).

Então, fica evidente a importância da cultura popular e suas manifestações artísticas e criações, a exemplo da literatura de cordel. De um reconhecimento necessário de nossa identidade social e histórica, de um novo olhar sobre nossas raízes e de nossa posição enquanto membros de uma coletividade pertencente a distintos grupos folclóricos.

Portanto, pensar educação contextualizada para convivência com o semiárido brasileiro é pensar mecanismos, práticas e metodologias de ensino que contemplem o saber popular, seja na música, nas artes plásticas, danças, oralidade e, principalmente, na literatura, na poesia popular.

De acordo com MOURA (2009), de uns tempos pra cá, vem surgindo, no âmbito da pesquisa em cultura popular, uma corrente mais atual que buscando as manifestações populares, leva em conta os agentes dessa cultura e o contexto em que vivem. Assim pensada, como mesmo defende a autora, a metodologia empregada por essa corrente de estudiosos segue por um caminho que considera as mudanças e as renovações pelas quais a cultura popular vem passando.

A mudança de postura começa pela preocupação no que concerne a definição do termo “cultura popular”. Os autores dessa corrente reforçam a evidência de que o termo cultura popular compreende características como heterogeneidade, a ambiguidade, a contradição, situadas “não só nos aspectos formais, em que a diversidade salta a vista, mas também em termos dos valores e interesses que veiculam, ou seja, no nível político-ideológico” e não um conjunto coerente e homogêneo de

atividades como defendem os folcloristas (AYALA *apud* MOURA, p.60).

Há muito que aprender sobre a cultura popular, precisamos reconhecer e aceitar nossa singularidade enquanto membros de um universo folclórico diversificado mas muitas vezes marginalizado. Enquanto cidadãos, no momento em que começarmos a identificar nossas manifestações culturais populares, nos reconheceremos sujeitos participantes e transformadores de nossa existência. Enquanto educadores, reconheceremos a importância da contextualização da educação para o ensino no semiárido brasileiro, para a vida e para a emancipação do homem sertanejo. Precisamos nos transformar em multiplicadores de metodologias de ensino eficientes e capazes de reorganizar as escolas e a nossa sociedade sertaneja.

Ressaltamos mais uma vez as palavras de AYALA (*apud* MOURA 2009), que “antes de tudo”, a “cultura popular é feita e desenvolvida por gente” e isso implica que se manifeste interesse pelos agentes dessa cultura, “ouvindo o que tem a dizer, prestando atenção em suas explicações, naquilo que acreditam essas pessoas, na sua maneira de ver o mundo”. Adotando essa postura, passa-se, sobretudo, a valorização do artista e não apenas do produto. A autora conclui ressaltando a importância de se aprender que “por mais fantástico que se apresente”, o mundo compreendido na cultura popular “é sempre um mundo de gente” que deve ser valorizada.

Fundamental se faz também, o pensamento de SILVA (2008), onde nos ensina que, finalmente, saberemos se somos capazes de reorientar, num sentido mais igualitário e mais equilibrado, os projetos de desenvolvimento nacional, se formos antes, mas igualmente, capazes de reorientar a escola e a educação para um sentido menos instrumental, menos utilitarista e mais humano. Construir uma nação livre, tolerante e igualitária é, de outra forma, sermos capazes de torná-la plural, multissapiente, multicultural, multiétnica e multirracial. Uma nação que possibilite a comunicação horizontal entre o centro e periferia, eliminando as oposições hierarquizantes existente entre estes dois pólos, uma nação com indivíduos capazes de reconhecer a diversidade como elemento fundante e característica fundamental para existência de uma

sociedade disposta a fazer-se democrática, justa e igualitária. Isto tem, tudo a ver com cultura popular, escola e educação.

Por fim, destacamos as palavras do professor José Maria Tavares de ANDRADE (2009) quando nos explica que O campo poético inclusive a “poesia popular” reage à dicotomia entre oral e escrito ao longo do tempo. Resta-nos perseguir, em termos conceituais, o termo “popular” em toda a sua ambiguidade e polissemia. A expressão “poesia popular” cobrindo formas de oralidade - a exemplo dos violeiros -, bem como estilos de escritos - no caso dos folhetos -, rompe com certos atributos comumente implícitos que cobre o continuum do “popular” que vai do folclore, anônimo, tradicional ou passado até o extremo oposto de cultura de massa. O termo “poesia popular” num dos extremos de nosso continuum quer dizer “folclórica” e no outro pode significar de grande popularidade.

Com essas afirmações, compreendemos a necessidade de recriar nossa percepção docente em relação à literatura de cordel na escola, onde, na maioria das vezes, tem o seu papel reduzido a momentos folclóricos e temáticos. Dinamizar o uso desta vertente folclórica tão nordestina e apreciada no semiárido, com finalidade de restabelecer seu uso cotidiano nos educandários de forma que o folheto de cordel possa auxiliar os docentes e os estudantes no processo ensino/aprendizagem.

### **3 LITERATURA DE CORDEL: PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS.**

A literatura de cordel vem, desde longa data, despertando interesse de estudiosos e leigos de todo o mundo. Sua leitura cativante e linguagem simples, consegue prender a atenção de crianças, jovens e adultos, principalmente no Nordeste brasileiro, região onde esta vertente literária consolidou-se e há anos e tem seu lugar de destaque na cultura e no imaginário popular.

De acordo com Gonçalo Ferreira da Silva (2008) em “Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel”, a literatura de Cordel já existia na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, etc. Tendo chegado a Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na península, a literatura de cordel recebeu os nomes “pliegos sueltos” (Espanha) e “folhas soltas ou volantes” (Portugal).

A literatura de cordel se distingue das demais manifestações literárias por suas características singulares, a exemplo das sextilhas (versos formados por seis pés heptassílabos), as quadras (quatro pés heptassílabos) e a expressão *pé quebrado*, que é utilizada quando o pé apresenta problemas métricos. Os cordéis foram elaborados, no início, a partir de quadras, mas são as sextilhas a forma predominante na atualidade. Os folhetos impressos no Nordeste medem geralmente 11X15,5 cm – uma folha de papel ofício dobrada em quatro partes.

A literatura de cordel, no auge do seu apogeu, final do século XIX e início do século XX; teve sua existência desacreditada por muitos críticos literários, dentre estes, o folclorista Silvio Romero, que dizia que os folhetos estavam condenados à morte por causa do advento e distribuição de periódicos pelo interior do país, na década de 1930, outros pesquisadores fizeram a mesma afirmação, culpando, dessa vez, o rádio. Nos anos 1960, foi a vez da televisão, ambos não tiveram razão e o cordel manteve-se presente desde então, tornou-se mais sólido culturalmente e nos dias atuais vem ganhando mais espaço nos centros de pesquisa e estudo e vida social. Hoje, estamos no século XXI e tudo leva a crer que a produção de literatura de cordel está longe de desaparecer.

Segundo VIANA (2010), a literatura de cordel brasileira surgiu de maneira tardia, porque antes da vinda da Corte Portuguesa, em 1808, era proibida a existência de prelos aqui no Brasil. A poesia popular oral ou manuscrita, que já existiu desde os tempos de Agostinho Nunes da Costa, Hugolino de Sabugi e Inácio da Catingueira, só viria a se servir dos tipos móveis quando o poeta Leandro Gomes de Barros mudou-se da Vila de Teixeira, na Paraíba, para Vitória de Santo Antão – PE, e passou a editar os primeiros folhetos nas tipografias de Recife.

Parafraseando SILVA (2010), a literatura de cordel é um gênero muito cultivado na região nordeste do país, passando por modulações que atestam sua sobrevivência, em meio às inovações tecnológicas que afetaram as publicações. Segundo Marcia Abreu (1999), “[...] a literatura de folhetos nordestina apresenta-se como peça importante para a veiculação do panorama cultural do rural que se direciona as cidades próximas e aos grandes centros urbanos”. A autora destaca também que:

No final dos anos oitocentos, parte do universo poético das cantorias começa a ganhar forma impressa, guardando entretanto fortes marcas de oralidade. Não se sabe quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas seguramente, Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática. Em folheto editado em 1907, ele afirmava escrever poemas desde 1889.

E interessante ressaltar a importância de Leandro Gomes de Barros para a literatura de cordel e para a cultura não somente popular, mas para a cultura clássica também denominada, cultura universal. Leandro Gomes de Barros é considerado o “pai da literatura de cordel brasileira”, nascido na fazenda Melancia, em 19 de novembro de 1865, em Pombal – PB, foi o responsável pelas primeiras impressões da poesia popular no nordeste, no limiar do século XX e o mais importante poeta de seu tempo, escreveu folhetos de cordel de grande aceitação popular a exemplo da “História da Donzela Teodora, Juvenal e o Dragão, A Vida e o Testamento de Cancão de Fogo, O Boi Misterioso e muitos outros. Como pioneiro na produção de literatura de cordel no nosso país, Leandro Gomes de Barros foi considerado por Luis Câmara Cascudo “o mais lido de todos escritores populares” e na atualidade, é alvo de estudos e pesquisas. A obra e genialidade de Leandro Gomes de Barros não passou despercebida também no cenário literário nacional, muitos críticos registraram sua admiração pela obra do poeta de Pombal, e por ocasião de uma eleição que elegeria o “Príncipe dos Escritores”, realizada em 1913, pela revista Fon-Fon, na qual fora eleito Olavo Bilac; Antonio Carlos Drummond, registrou seu desacordo em matéria publicada no Jornal do Brasil em 1976:

“Em 1913, certamente mal informados, 39 escritores, num total de 173, elegeram por maioria relativa Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado a má informação porque o título, a

ser concedido, só poderia caber a Leandro Gomes de Barros, nomes desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida pela revista FON-FON, mas vastamente popular no Nordeste do País, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor de “Ouvir Estrelas”. [...] E aqui desfaço a perplexidade que algum leitor não familiarizado com o assunto estará sentindo ao ver defrontados os nomes de Olavo Bilac e Leandro Gomes de Barros. Um é poeta erudito, produto da cultura urbana burguesa média; o outro, planta sertaneja vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza. Aquele tinha livros admirados nas rodas sociais, e os salões o recebiam com flores. Este, espalhava seus versos em folhetos de cordel, de papel ordinário, com xilogravuras toscas, vendidos na feiras a um público de alpercatas ou de pé no chão. A poesia parnasiana de Bilac, bela e suntuosa, correspondia a uma zona limitada de bem-estar social, bebia inspiração européia e, mesmo quando se debruçava sobre temas brasileiros, só era captada pela elite que comandava o sistema de poder político, econômico e mundano. A de Leandro, pobre de ritmos, isenta de labores musicais, sem apoio livresco, era o que mais tocava milhares de brasileiros humildes, ainda mais simples que o poeta, e necessitados de ver convertida e sublimada em canto a mesquinhez da vida (...). Não foi príncipe dos poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão, e do Brasil em estado puro.” (ANDRADE, 1976).

A partir deste posicionamento de Drummond, nos revigora o espírito sertanejo e nosso orgulho pela poesia popular se engrandece e se torna mais vívida. A literatura de cordel, não somente na obra de Leandro Gomes de Barros, mas na sua totalidade, encontra, nas palavras coerentes de Antonio Carlos Drummond, o respaldo crítico necessário à sua aceitação na educação no semiárido.

Assim, ao analisarmos os pressupostos históricos da literatura de Cordel, a história e trabalho de Leandro Gomes de Barros deve ser destacada como marco no desenvolvimento desta literatura popular no nordeste.

### **3.1 A LITERATURA DE CORDEL: AS RELAÇÕES ENTRE O ORAL E O ESCRITO**

Já destacamos, oportunamente, que as relações de comunicação entre os povos na idade média se dava, em geral, através da oralidade. A leitura era um privilegio de nobres e da igreja. As camadas sociais baixas, ou seja, as

massas simples com ofícios de cuidar da terra e dos animais encontravam no discurso oral, uma maneira de informação e divertimento nas histórias lutas, feitos heróicos e animais míticos. Como descreve Luyten:

A cultura popular se dá em sociedades em que há elite e povo participando de manifestações comuns como língua, religião, composição étnica e assim por diante. As manifestações populares se darão, em sua grande maioria, de forma oral. É que a comunicação em nível popular, na realidade, significa troca de informações, experiências e fantasias de analfabetos ou semiletrados com seus semelhantes” (LUYTEN, 2005 p. 24).

Assim, desde tempos remotos, percebemos como a oralidade se enraizou em nossas culturas e como ainda se faz presente nos dias atuais. A literatura de cordel tem esta característica oral e escrita. Pelo folheto podemos interagir com a leitura e com a oralidade.

A narrativa é o foco do cordel, por esta vertente os poetas podem discorrer sobre os mais diversos conteúdos imagináveis. A nossa região nordeste é considerada um local privilegiado em se tratando de narradores: cantadores, poetas de cordel, contadores de histórias, são todos considerados grandes narradores que estabeleceram fortes vínculos com a experiência de narrar, constituindo um rico fabulário de contos, poemas, histórias de vida comum de todos, em todos os dias, histórias de heróis e histórias de trabalho (GUILLEN *apud* GRILLO 1985 p.148).

O maior narrador da vida e do cotidiano nordestino é sem dúvida o poeta de cordel, quase sempre um homem de pouca instrução, mas com uma talentosa capacidade de contar histórias. Pelos seus folhetos e a sua oralidade, possibilita uma viagem a novos mundos, documentários ou simplesmente histórias com final feliz. Sobre os folhetos e a relação entre oralidade e escrita, conforme ANDRADE (2009), os folhetos de feira representam um fenômeno vivo do Nordeste brasileiro rompendo a barreira ou a dicotomia: escrita X oralidade. Outra enorme dicotomia que aqui aparece a propósito da poesia, literatura, criatividade, é entre a oralidade e a escrita. O alfabeto, ou seja, a tecnologia da escrita é de fato tão poderosa e perigosa que durante séculos as grandes majorias não tiveram acesso – a exemplo disso, os camponeses franceses vítimas da repressão contra a literatura azul (este recurso



extraordinário de alfabetização, até numa “sociedade sem escola”, foram proibidos e destruídos pela polícia na França dos séculos XVII e XIX, esses folhetos franceses eram então chamados de “biblioteca azul” - *bibliothèque bleu*), conforme a cor das capas do cordel Frances.

A escrita – alfabeto fonético, representa uma verdadeira infra-estrutura, como sendo o alicerce da construção da civilização ocidental. A tecnologia chamada alfabeto, não obstante, sua força e potencialidades assumem responsabilidade tanto pelas diferenças entre os homens como fator atual de construção da Humanidade. Esta diferença, e mesmo dicotomia, entre o oral e o escrito é bem ilustrada justamente no campo da poesia brasileira, sobretudo no Nordeste dos violeiros e dos folheiros (hoje chamados cordelistas).

A poesia popular e o Cordel, em especial, através da oralidade e do descompromisso com a realidade, nos permite esquecer, por ora, da dura realidade da vida, traço este que, talvez, mais atrai o vivente sertanejo, marcado por tantas desigualdades sociais. Como descreveu MORIN (2011), num artigo intitulado “Democratizar a poesia” - *in Le Monde* de 09.07.2011, p. 18. Na ocasião Morin tratou destas duas dimensões humanas e universais que são sempre e dialogicamente contraditórias e complementares em cada um de nós:

“...todas as grande obras em todas as artes revelam-me as tragédias humanas e me faziam sentir a complexidade da vida a qual eu tomei consciência muito depois. Daí a importância fundamental da cultura estética que para mim alimenta a poesia da vida. A prosa quer dizer o inevitável e o obrigatório, sem alegria é o que nos faz sobreviver, mas nos impede de viver realmente. Viver realmente é viver poeticamente em todo o seu desabrochar de si, na comunidade, o amor e participação junto aos outros e junto ao mundo”(...)“O mundo é maravilhoso e horrível. A Estética nos ajuda a nos maravilhar permitindo de olhar o horror...”

Assim, compreendemos que, apesar das regras de escrita dos cordéis, a oralidade é representação rica e marcante desta vertente literária. Na literatura de cordel, tanto a escrita como a oralidade caminham juntas criando uma fusão perfeita com vastas possibilidades de composições e realizações. Tornando a realidade um conto de fadas ou uma mensagem objetiva.

### 3.2 A PRESENÇA DA LITERATURA DE CORDEL NA CULTURA POPULAR DO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO

Acreditamos que seria impossível estudar a cultura do semiárido desprezando suas manifestações literárias. A literatura de cordel está presente em todas as comunidades do semiárido nordestino. O folheto ocupa espaço nos debates, na economia e principalmente nas escolas, ainda que nesta última, em bibliotecas e oficinas, sendo pouco o seu uso nas salas de aula.

Como a nossa visão de semiárido sofre, na atualidade uma reformulação e reestruturação, através de projetos sociais, científicos e educativos; o cordel acompanha estas mudanças positivas e se reinventa através de novos temas e mais participações nos meios sociais do semiárido. Aos poucos, vai conseguindo desfazer o estereótipo de “cultura marginalizada”, dominada e incapaz de gerar bons frutos; como bem descreve Chauí (1982):

Fala-se de cultura popular enquanto cultura dominada, invadida, aniquilada pela cultura de massa e pela indústria cultural, envolvida pelos valores dominantes pauperizada intelectualmente pelas restrições impostas pela elite, manipulada pela folclorização nacionalista, demagógica e explorada, em suma, impotente face à dominação e arrastada pela potência destrutiva da alienação. (CHAUÍ *apud* GRILLO, 1982, p.3)

De encontro a essas afirmativas, o cordel assume o papel de divulgador da região que o adotou como representante de sua cultura e literatura local; divulgando em suas paginas a nossa singularidade enquanto nordestinos habitantes de um semiárido capaz e dono de um bioma único e belo. Como bem descreve o folheto “Outra Visão, Outro Sertão”, dos poetas Oliveira de Panelas e Jose de Souza Silva:

“Cai a máscara, do antigo semiárido  
Foi, a farsa, desfeita. O show termina  
Com a mesma platéia e nova luz  
Outro show vai surgir. Abra a cortina  
Vamos, nós, escrever a muitas mãos  
Outra Página da história nordestina”  
(PANELAS; SILVA, 2011, p.18).

O saudoso poeta Patativa do Assaré, nos brindou com inúmeras composições que na atualidade, são estudadas em escolas e academias e exploradas de forma benéfica e para fins culturais pela mídia. O poeta cearense no seu livro “Cante Lá que eu Canto Cá” (2002), defende as belezas e características próprias de nossa região e cultura quando diz:

Poeta, cantô da rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.  
Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mêxo aí,  
Cante lá, que eu canto cá.  
(ASSARÉ, 2002).

São inúmeros os cordéis que retratam nosso bioma, nossas potencialidades naturais e sociais, bem como nossas dificuldades ante uma sociedade que despreza nossos autores, nossa geografia e cultura. São cordéis que trazem em sua essência, um grito de liberdade encravado em suas rimas e clamando por um semiárido liberto e capaz. Como exemplo, os cordéis “O que é o Semiárido?” e “Uma Súplica para o Semiárido”, da autoria de Prata (2010,2011) e criados com a finalidade de interagir com os estudantes durante um seminário sobre “o semiárido e sua diversidade” na escola alvo de estudo para este trabalho, trazem em sua composição, definições para a expressão semiárido e sua exploração negativa na mídia nacional. Os cordéis conclamam os leitores a se unirem na desmistificação da imagem negativa que criaram do nosso bioma:

“Se é fotografado  
Pra qualquer reunião  
Mostra uma vaca morta  
Um cadáver no chão  
Vítimas da sede e da fome  
Que assola o sertão

E esta comunhão  
De revista e jornal  
Criou um rico acervo  
Da vegetação local  
Que não possui verde  
Nem vida e tal

O semiárido afinal  
E mesmo tão ruim assim?  
Por que se fala tão mal?  
Mostra-se tudo de ruim?  
Quem financia a história?  
E qual será o seu fim?”  
(PRATA, 2010).

Assim, os exemplos acima demonstrados servem como exemplo de um cordel criado para combater a imagem de “semiárido região problema”, como descreve Malvezzi (2001), onde diz que a imagem difundida do semiárido, enquanto clima, sempre foi profundamente distorcida. Vendeu-se a idéia de uma região árida, não semiárida. Como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas estivessem sempre secas e estiagem durassem anos. A imagem dos emigrantes, dos retirantes dos acossados pela seca povoaram a música (Luis Gonzaga), a pintura (Portinari), e a literatura (João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, etc). Seguindo este mesmo caminho, a descontextualização da educação aliena a mente, esteriliza as emoções e anestesia o coração. É preciso combater este quadro cultural e social, a literatura popular consegue repassar esta mensagem e chegar onde muitos livros não conseguem.

É difícil tratar de literatura popular nordestina sem mencionar a literatura de cordel. Grande defensor das artes e da nossa identidade sertaneja, os cordéis carregam em suas sextilhas, a história da nossa gente e de grandes vultos da nossa história, possibilitando fazer educação de uma maneira alegre e eficiente, como é possível conferir nos apêndices deste trabalho. Podemos destacar os cordéis de Zé Maria de Fortaleza “A Gramática em Cordel” o “Cordel ao Educador Paulo Freire” de Medeiros Braga:

“Em nosso alfabeto, as letars  
Eram apenas vinte e tres  
O “K”, o “W” e o “Y”  
Chegaram de uma só vez  
Hoje o nosso abecedário  
Nos aponta vinte e seis”

“Implantada a ditadura  
A longa noite surgia  
Proibido a dizer “não”  
Quem ousasse ela punia  
Tanto aquele que ensinava  
Quanto aquele que aprendia”  
(BRAGA, 2010, p.1)

É, pois, através da presença da literatura de cordel na cultura popular e posteriormente na sala de aula, que uma educação contextualizada “renovadora” pode criar suas raízes e colher muitos frutos nas escolas do nosso semiárido. Como nos ensinou o grande escritor baiano Jorge Amado:

“Nascida do povo e por ele realizada, a literatura de cordel corresponde às necessidades de informação, comentário, crítica da sociedade e poesia do mesmo povo que a concebe e consome. É, ao mesmo tempo, o noticiário dos fatos mais importantes que ocorrem no mundo, no país, no estado, na cidade, no bairro, e sua interpretação do ponto de vista popular. É, ao mesmo tempo, a crítica por vezes contundente e a visão poética do universo e dos acontecimentos. É puritana, moralista, mas igualmente cínica e amoral, realista e imaginosa – dentro de suas contradições perdura a unidade fundamental do choque da cultura e da vida do povo com a sociedade que limita, oprime e explora as populações pobres e trabalhadoras. Pode-se dizer, em resumo, que a literatura de cordel é uma arma do povo contra seus inimigos (JORGE AMADO apud MEDEIROS 2002 p.26).

Assim, tanto a literatura popular e uma maneira geral como a literatura de cordel, seguem o caminho de encanto, resgate e defesa da nossa identidade de povo do semiárido. Sua mensagem em rima e linguagem simples pode ser usada como contribuição e ferramenta pedagógica de ajuda para a contextualização renovadora da educação no semiárido brasileiro.

#### **4. O USO DA LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA: A CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO PELA CULTURA POPULAR NATIVA**

A contextualização da educação no semiárido brasileiro é uma corrente pedagógica amplamente estudada e defendida por diversos pesquisadores e profissionais na área da educação sertaneja. O ideal de educação para convivência com o semiárido deriva de um longo processo de experiências formais e não formais no campo da educação, cujas perspectivas curriculares e metodológicas buscavam fazer com que a escola se vincule às

formas de vida e às problemáticas existentes no semiárido, como descreve BERG(2003):

“A educação para consciência de uma cidadania planetária deve ser desenvolvida em seus princípios essenciais, sob a forma de programas de educação para a paz, focalizando valores que promovam à inclusão, a integração das dimensões ecológicas (biosfera, tecnosfera, psicosfera), e, sobretudo, o compartilhar, consideradas as diferenças e similaridades das várias regiões geográficas da Terra” (BERG 2003, apud NÓBREGA 2011, p.79).

Também sobre esta questão, discorre BUBER(1978):

“É este o cenário que temos diante de nós e é nele que precisamos agir proativamente, pois analisando seus contextos sabemos que já não basta desenvolvermos ações reativas diante das conjunturas objetivando construções para um meio ambiente melhor, mas precisamos com urgência educar para que as relações de alteridade (EU-TU) sejam entendidas em suas semelhanças e diferenças, possibilitando não somente o coexistir, mas também o conviver, criando a oportunidade de compartilharmos novos conhecimentos e interpretações da vida e de sua plenitude” (BUBER 1978 apud NÓBREGA 2011, p. 78).

Reivindicar o uso da literatura de cordel nas salas de aula configura a possibilidade de transformação e aumento no desenvolvimento educacional de centenas de estudantes do semiárido, uma vez que esta literatura peculiar está presente em nossa cultura e nosso cotidiano.

Se quisermos educar pela perspectiva de contextualização para convivência com o semiárido, não podemos e talvez nem devêssemos descartar a literatura de cordel, pois, parafraseando VIANA (2010), desde que surgiram os primeiros folhetos impressos, no último quartel do Século XIX, a Literatura de Cordel tem sido uma poderosa ferramenta de alfabetização e incentivo à leitura junto as populações carentes do Nordeste. O cordel esteve presente e narrou os mais diversos eventos históricos, sociais, geográficos e culturais do nosso país, tornando-se então, não somente um veículo de divertimento mas também, de informação pura, com uma característica singular de transmitir a informação: a rima. Sobre esta abordagem, nos ensina CAMPOS (1977):

“Levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores têm se alfabetizado. E quando em nosso país for tratado seriamente a questão da educação do trabalhador, os

professores e assistentes sociais poderão encontrar na Literatura de Cordel, valioso auxílio para o bom êxito das tarefas.” (CAMPOS, 1977, *apud* VIANA, 2010, p. 12)

É pela rima e pela maneira simples e objetiva, crítica e ao mesmo tempo agradável que o cordel consegue preservar a atenção dos leitores e com isso criar uma situação em que a informação é repassada de maneira prazerosa e astuta, diferenciando-se dos textos didáticos pouco atrativos para os nossos estudantes.

Não é nossa intenção nem cabe ao momento, fazer comparações entre a literatura de cordel e o livro didático, é importante que se esclareça que esta pesquisa visa apontar os benefícios no emprego da literatura de cordel nas salas de aula do semiárido, uma vez que, nas palavras de VIANA (2010), cresce cada vez mais o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, em especial das escolas públicas da região Nordeste, pela literatura de cordel. Esse poderoso veículo de comunicação popular, que oportunamente fora chamado de “professor folheto” e tem sido responsável, durante muitos anos, pela alfabetização de milhares de nordestinos. O cordel possibilita a reescrita da realidade e das potencialidades, labuta e adversidades, magia e fé dos nativos do semiárido. Por assim ser, o folheto mantém uma relação de comprometimento com o nordeste e com a educação. Segundo Freire (1982):

“A alfabetização, enquanto ato político, é ato de conhecimento, comprometida com o processo de aprendizagem da escrita e da leitura da palavra, simultaneamente com a leitura e a reescrita da realidade” (FREIRE 1982 *apud* RAMEH 2003 p. 25).

Freire (1996) também nos traz o seguinte ensinamento:

“Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista” (FREIRE, 1996, *apud* MACÊDO, 2003, p. 39).

Diante dos ensinamentos do grande educador, percebemos, nas páginas dos cordéis, a retratação dos desejos e sonhos, do calor e da alma do povo nordestino. Cada história carrega em sua composição um pouco de cada habitante e de sua vida no semiárido.

É de suma importância, parafrasear aqui, o pensamento de BRANDÃO (2008), que nos ensina que, nas culturas populares existem formas de educação extra-escolar, cujo valor apenas agora começamos a descobrir. Tal como acontece com os povos indígenas, cantando e dançando, vendo como-se-faz-e-fazendo, jogando e trabalhando ao lado dos “mais velhos”, os “mais jovens” convivem com aprendizados simples e complexos que vão dos segredos do plantio do milho até os de uma folia de Santos Reis. Brandão ainda nos explica que a educação utilitária e instrumental das escolas seriadas acompanhou toda uma vertente dominante no pensamento ocidental e deixou que duas quebras dramáticas fossem e sigam sendo consumadas. Uma é a *cientificação* crescente do conhecimento. Outra é a desqualificação de outras culturas e, sobretudo, as culturas populares, em nome de formas únicas e pretensamente civilizadas e eruditas do saber e do viver. Temos perdido pouco a pouco um sentido arcaico e interativamente integral da vocação humana na criação de suas experiências de cultura. Temos sido levados a pensar que apenas o conhecimento oficialmente ocidental e científico, originado em centros consagrados do saber competente, é válido, útil, confiável. É portanto, apenas o que provém dele e das ciências oficiais que o conduzem que deve ser ensinado de fato nas escolas. Desaprendemos a lição de que não cabem nos limites das ciências oficiais a nossa vocação e a nossa capacidade de buscar respostas às nossas perguntas, de encontrar sentidos múltiplos e polissêmicos para as vidas, de entretecer compreensões e interpretações sobre os seus mistérios e os do mundo.

#### 4.1 PODEMOS ENSINAR COM O AUXÍLIO DO CORDEL!

Em 1970, o jornalista pernambucano Ivan Maurício interrogou Paulo Freire com a seguinte pergunta: Qual a melhor maneira de se memorizar uma informação? O grande educador Paulo Freire respondeu que “rimando e de preferência cantando!”. Ele revelou que ninguém esquece versos ou músicas recitadas na infância e que a literatura de cordel e as músicas são excelentes formas de aprendizado e que deveriam ser utilizadas na alfabetização de crianças e adultos. No entanto, segundo PINHEIRO (2007): “De todos os



gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula” (p. 17).

É de comum entendimento o descaso com a poesia popular, de uma maneira generalizada e de forma mais acentuada com a literatura de cordel. Esse gênero literário tão explorado ao longo dos anos e muitas vezes rechaçado pela cultura elitista, sobreviveu e na atualidade apresenta as mais diversas provas de sua contribuição para a alfabetização, incentivo à leitura e auxiliador no processo de ensino e aprendizagem e na contextualização da educação para convivência com o semiárido. O professor Veríssimo de Melo (1983), no estudo introdutório que escreveu para Literatura de Cordel – Antologia; destaca que outro papel importante exercido pelo folheto diz respeito à sua função como auxiliar de alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando esses livrinhos de feira, através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente essa alta missão social. Corroborando estas afirmações, descreve ELIOT:

“Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, (...) há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade.” (ELIOT apud PINHEIRO 2007 p.22)

Há alguns anos, o Ministério da Educação – MEC, orienta a adoção e uso do Cordel nas escolas do país e os debates e ações voltadas para a contextualização da educação para convivência com o semiárido brasileiro corroboram com o ideal do uso da literatura de cordel como exemplo de contextualização da educação. A literatura de cordel já é, atualmente, cobrada em vestibulares e representa uma nova postura em relação à aceitação e reconhecimento da literatura popular pelo meio acadêmico.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Brasil (2006), elaboradas pelo Ministério da Educação – MEC, nos fundamentos apresentados no capítulo 2, referente aos conhecimentos de literatura, nos

orienta que a literatura, enquanto discurso literário, garante o exercício da liberdade, conforme afirma Osakabe (2004):

“A literatura pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com o domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo” (OKABE, 2004, *apud* BRASIL, 2006, p.49).

Além disso, a literatura de cordel, enquanto arte, educada para a sensibilidade e sua linguagem comum permite um reconhecimento estético “mediante o gozo da liberdade que só a fruição estética permite” (p. 53). Permitir o uso da literatura de cordel nas salas de aula, com sua liberdade de expressão e características populares do povo do semiárido é respeitar a condição de letramento literário a que os estudantes estão envolvidos. Nesse sentido, as OCEM (BRASIL 2006) defendem o letramento literário do aluno, isto é, formar um leitor literário crítico que se aproprie do texto literário, tornando-o significativo, pois é seu direito. As orientações definem o “letramento literário” como “estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler ou escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (p.54,55)

Ainda que o Cordel esteja ganhando novos espaços e sendo prestigiado em determinados vestibulares; é preciso estudar sua origem e regras e, principalmente, gostar desta poética popular. O professor Helder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio (2001), no livro “Cordel na Sala de Aula”, afirmam que “o trabalho com a literatura popular pressupõe essa empatia sincera e prolongada e, sobretudo, uma “relação amorosa”. Diria, também, uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular, para poder apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Não se trata, por outro lado, de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas compreendê-la em seu contexto, a partir de critérios específicos para poder perceber sua dimensão universal”

A literatura de cordel, nesse contexto, pode auxiliar muito o docente na prática educativa em sala de aula. Esta ação não configura uma ruptura nas

metodologias tradicionais, e sim, na ressignificação das práticas pedagógicas com foco voltado para a contextualização da educação, na criação de novas práticas pedagógicas, como nos ensina Meurer (2002):

“Nesse contexto de trocas materiais e culturais, de busca pela informação e posterior utilização desta para construção do conhecimento, a linguagem de inscrever como sistema mediador de todos os discursos. Em função dessa potencialidade de mediar nossa ação sobre o mundo (declarando e negociando), de levar outros a agir (persuadindo), de construir mundos possíveis (representando e avaliando), aumenta a necessidade e a relevância de novas práticas educacionais relativas ao uso de diferentes gêneros textuais e aos requisitos de um letramento adequado ao contexto atual” ( MEURER, 2002, p.10).

Dentre os muitos projetos pedagógicos e experiências voltadas para o uso da literatura de cordel, destacamos o projeto “Acorda Cordel na Sala de Aula”, uma iniciativa do poeta cearense Arievaldo Viana, que propõe, há dez anos, a revitalização do gênero e sua utilização como ferramenta paradidática na alfabetização de crianças, jovens e adultos e também nas classes do Ensino Fundamental e Médio. O projeto constitui-se de um “kit” composto por uma caixa de folhetos de cordel, contendo obras de diferentes autores; um livro manual para o professor conduzir o uso e aponta sugestões para trabalhar o cordel na sala de aula, ainda um cd com poemas e canções interpretadas por renomados poetas. O referido, que traz informações sobre as origens da literatura de cordel e como confeccionar o folheto nas escolas. Após o lançamento do livro, em abril de 2006, o projeto correu mundo. O autor realizou centenas de palestras, oficinas e apresentações Brasil afora. O kit vem sendo adquirido por secretarias de educação, escolas, bibliotecas ou por iniciativa dos próprios educadores de várias regiões do país.

Além de estimular o hábito da leitura, estudantes de qualquer faixa etária estão em contato com uma legítima expressão da cultura popular brasileira. Segundo VIANA, experiências realizadas em cidades como Campina Grande – PB, Palmas –TO, Mossoró – RN, Brasília – DF, Recife – PE, Uberlândia – MG e diversos municípios cearenses atestam a premissa de que a receptividade entre os alunos é excelente, sobretudo em atividades como leitura em grupo e até mesmo a elaboração de novos folhetos entre os próprios estudantes.

Assim, acreditamos que a validade e a eficácia da literatura de cordel nas escolas, configuram uma realidade sólida, de fácil compreensão e comprovável. Cabe a nós docentes, desatarmos-nos de pensamentos preconceituosos, elitistas e totalmente errôneos em relação ao uso do cordel nas salas de aula.

#### 4.2 O USO DA LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO DE ASSIS GONZAGA, PRATA – PB.

Meu contato com a literatura de cordel - em minha opinião, vertente mais expressiva da cultura popular e da identidade do povo do Nordeste brasileiro; se deu bem distante dos muros que separam a escola da sociedade, numa época em que o distanciamento entre escola e sociedade era enorme, comum e generalizada.

O gosto pela leitura e o encanto com os “desafios” de cantadores, no cenário de grandes festas, ao ar livre e sob a atenção total dos presentes; propiciaram o bom relacionamento surgido logo no primeiro encontro com o folheto de cordel, ainda na adolescência.

Após as primeiras leituras nos mais diversos tipos de cordéis e suas mais variadas histórias, o meu contato com o mundo da leitura tornou-se cada vez mais sólido e prazeroso.

Progressivamente, minha relação com a literatura de cordel ganhou novos aspectos e sua utilização, passou a ser, não somente para uso pessoal e sim, para “uso profissional”, quando, em diversas oportunidades, pude utilizar o folheto de cordel em aulas e eventos pedagógicos e culturais. Desde então, a literatura de cordel tem sido parceira em minhas atividades docentes e os resultados têm sido cada vez mais positivos.

O educandário objeto de nossas análises é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco de Assis Gonzaga, localizada na cidade da Prata, mesorregião do Planalto da Borborema e microrregião do Cariri Ocidental paraibano. Pertencente à V Gerência Estadual de Ensino, a escola

faz parte de um grupo de 37 escolas públicas estaduais, sendo, no município, a única escola a ofertar o ensino médio regular e EJA (Educação para Jovens e Adultos), na referida localidade. Com um contingente de aproximadamente 260 alunos divididos no ensino fundamental e médio; a escola funciona nos turnos diurno e noturno; dispõe de 1 (uma) quadra poliesportiva, 1 (um) laboratório de informática, 1 (uma) cozinha, 1 (uma) sala de multimídia, 1 (uma) biblioteca e 7 (sete) salas de aula. O corpo docente é formado por professores graduados, alguns com especialização em pedagogia, em educação ou na área de atuação. Os estudantes são todos moradores do município sendo que frequentam à instituição escolar, estudante da zona urbana e um relevante número de estudantes da zona rural.

Uma vez conhecedor das dificuldades estruturais enfrentadas pelo educandário em questão e os obstáculos vivenciados pelos estudantes, o que mais me instigou a seguir esta trajetória de pesquisa foi a necessidade de contextualização da nossa educação ofertada e as possibilidades de interação entre as práticas educativas e a literatura de cordel. Por perceber que, as dificuldades de aprendizado tanto no ensino médio regular quanto na EJA, muitas vezes eram contornadas por métodos pedagógicos alheios aos livros didáticos e linguagem comum aos educandos, enxerguei na literatura de cordel uma importante parceira na construção do saber ou de novos caminhos que permitissem um aprendizado saudável e eficaz através da oralidade e da representação comum aos estudantes. Assim, coletei diversos cordéis que abordassem diversos temas e conteúdos presentes na grade curricular vigente, a exemplo da história, da literatura, geografia, etc, e comecei a inseri-los na escola e na minha prática docente. Com esta pesquisa, trazemos a reflexão desta prática através das respostas dos professores e estudantes que vivenciam o cordel nas suas práticas educativas.

Para coletar dados que pudessem corroborar nossa pesquisa, escolhemos elaborar um questionário com perguntas referentes à temática estudada, sendo o próprio, aplicado com docentes e estudantes da escola em questão. O referido questionário fora respondido por 02 (dois) docentes da área de humanas, que lecionam na turma escolhida para estudo, sendo identificados como “Professor I” e “Professor II”. A turma escolhida foi o 3º ano do Ensino

Médio no turno diurno, a turma é composta de 24 (vinte e quatro) alunos, deste total, 08 (oito) estudantes participaram da nossa pesquisa são identificados como “Estudante I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII”

Para utilizar a Literatura de Cordel na sala de aula, é preciso, antes de tudo, estudar as suas origens, suas regras e características como literatura popular, mais que isso, é fundamental gostar desse tipo de manifestação cultural, conforme destacamos anteriormente, os ensinamentos de Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio (2001), em seu livro “Cordel na Sala de Aula”, que afirmam que “o trabalho com a literatura popular pressupõe essa “empatia sincera e prolongada” e, sobretudo, uma “relação amorosa”.

Analisando as respostas dos docentes da escola ora mencionada, esta “empatia” e esta “relação amorosa” descritas pelos escritores em relação à literatura de cordel, podem ser muito bem identificadas em suas palavras.

Sobre o conhecimento dos docentes em relação à Literatura de Cordel e seu uso nas salas de aula, destacamos as seguintes respostas:

“Sim. A literatura de cordel é mais uma forma de atrair a atenção do alunado. O cordel propõe uma nova dinâmica na sala de aula, já sendo adotada em algumas escolas” (Professor I)

“Sim. Pois com a diversidade textual que a língua oferece, também vivenciamos a literatura de cordel” (Professor II).

Diante destes primeiros exemplos, podemos perceber que os docentes têm uma percepção positiva em relação ao uso do cordel em suas atividades docentes e também na profissão, de maneira que pressupomos que ambos “sugerem” esta didática.

Quando interrogamos os estudantes sobre seus conhecimentos acerca da definição da literatura de cordel, registraram as seguintes respostas:

“Sim. É uma narrativa escrita na qual o poeta recita o texto de maneira poética, destacando principalmente a sua cultura de povo nordestino” (Estudante I).

“Sim. Pode-se dizer que é narrar fatos em formas de poesias” (Estudante II).

“É uma poesia popular, uma história que é contada em versos, com capa em xilogravura” (Estudante III)

“Pra mim é o que se passa em nossa cidade, algum fato histórico que ocorreu de movimentos históricos, etc” (Estudante IV)

“É uma forma de expressão poética que retrata uma determinada situação” (Estudante V)

“Um pequeno livro que conta histórias divertidas, informações e outros assuntos” (Estudante VI)

“Sim. É uma espécie de poesia popular que é exposta para o público amarrado em cordões” (Estudante VII)

“São histórias reais ou de ficção com a finalidade de levar conhecimento ao leitor, contadas em formas de verso” (Estudante VIII)

É importante observarmos a simplicidade e a objetividade nas respostas dos estudantes, uma vez que um dos aspectos positivos no emprego do cordel, é, de fato, sua linguagem objetiva e precisa, que, na maioria das vezes, se apóia em costumes culturais populares e traços da nossa identidade social e local. Como bem define Eleonora Gabriel (2008), quando diz que a identidade cultural se relaciona a aspectos de nossas identidades que surgem do “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, sobretudo, nacionais.

Em algumas respostas, percebemos que os alunos reconhecem características distintas do cordel, a exemplo da “xilogravura” (Estudante III) e características históricas, a exemplo da premissa do cordel ser exposto em “cordões” nas feiras livre, em ocasião de sua venda (Estudante VII). Ainda que, a definição de Cordel não seja clara para alguns estudantes (Estudante IV), é notório que a maioria dos estudantes possui certa intimidade com esta literatura.

Veículo fabuloso de resgate e manutenção da identidade regional, o cordel tem nas camadas populares da sociedade, seus mais empolgados e fiéis consumidores, dessa maneira, seu uso nas escolas está sendo cada vez mais enfatizada. A partir desta década, o Ministério da Educação vem realizando compras cada vez mais significativas de livros de cordel para o FNDE PNBE – Programa Nacional da Biblioteca Escolar e a leitura de alguns clássicos do cordel já estão sendo exigida em vestibulares de universidades da região nordeste.

Os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco de Assis Gonzaga, em resposta ao nosso questionário, responderam sobre o interesse dos seus estudantes em relação à literatura de cordel:

“Sim. Apesar de não ter trabalhado de uma forma mais intensa, mas através das explicações e do conhecimento do alunado, percebemos uma profunda curiosidade e assimilação desse tipo de leitura” (Professor I).

“Demonstram interesse e conseguem enriquecer as aulas” (Professor II).

Aqui, neste ponto de nossa análise, percebemos pelas palavras dos docentes, que os estudantes demonstram curiosidade e interesse quando o recurso didático é o cordel. Também podemos perceber que existe um “dinamismo” nesta prática, uma vez que um “enriquecimento didático” nas aulas é descrito por um dos professores.

Sobre a percepção e recepção da literatura de cordel pelos estudantes da referida escola, questionamos se os mesmos achavam o cordel uma leitura prazerosa. Destacamos as seguintes respostas:

“Sim. Porque transmite ao leitor um outro mundo de conhecimento rico em cultura” (Estudante I).

“Sim. Pois envolve um pouco de fatos históricos e música” (Estudante II).

“Sim, pois assim como no livro, você é convidado a participar de uma aventura, através da leitura, entra no mundo da imaginação e começa a ler e querer viver aquilo” (Estudante III).

“Sim. Porque é mais engraçada dá mais ânimo para a leitura é uma influência para os alunos querer ser quem sabe poetas ou compositores” (Estudante IV).

“Para quem gosta de ler sim” (Estudante V).

“Sim, porque muitos cordéis trazem histórias divertidas” (Estudante VI).

“Sim, pois quando estou lendo um cordel sinto como se a história estivesse se passando naquele momento” (Estudante VII)

“Sim, por trazer conhecimento e também por não ser tão cansativa” (Estudante VIII).

Podemos considerar, pelas palavras de mestres e principalmente, de estudantes, os benefícios na leitura do cordel. O hábito de leitura e a



informação são características desta prática e são, claramente, reafirmados na maioria das respostas acima, tendo apenas um posicionamento “neutro” (Estudante V).

Para entendermos o efeito significativo do uso da literatura de cordel nas escolas, perguntamos aos professores da escola estudada, como eles utilizam o folheto de cordel em suas aulas. Eis as respostas:

“Conversando com os alunos e reunindo os dados que eles possuem. Depois explicando como surgiu o cordel entre pessoas simples e suas formas de explicar através de rimas poéticas, os acontecimentos” (Professor I).

“Como mais uma fonte de conhecimento cultural e lingüístico que pode e deve ser vivenciado em aulas de língua portuguesa” (Professor II).

É de suma importância lançarmos um olhar sobre a dinâmica empregada no uso da literatura de cordel por estes professores. O cordel é usado (e assim dever ser) como ferramenta de auxílio no processo de escolarização e não como uma leitura obrigatória. Utilizá-lo como “uma fonte de conhecimento cultural e lingüístico” (Professor II) e através do “diálogo” (Professor I), torna o cordel um diferencial nas metodologias de ensino.

Para podermos aferir os processos significativos do uso do cordel pelos estudantes, interrogamos se os mesmos os liam e se conseguiam memorizar alguma nova informação sempre que faziam uso do folheto de cordel na escola. Destacamos as seguintes colocações:

“Sim. Do que é transmitido, envolvendo tudo o que faz parte do nosso cariri” (Estudante I).

“Sim. Pois você fica fascinado com as histórias que o envolve” (Estudante II)

“Sim. Muito bom, acho que as escolas deveriam fazer o uso dessa literatura mais vezes, porque é um material rico em conhecimento.” (Estudante III)

“Sim, porque é mais prático e a leitura termina sendo uma coisa bem mais fácil para todos nós” (Estudante IV).

“Se tiver alguma coisa que me chame muito atenção, com certeza sim” (Estudante V).

“Sim, porque sempre uma leitura trás novas informações”  
(Estudante VI)

“Sim, pois cada cordel tem uma história diferente a ser contada”  
(Estudante VII)

“Sim, no último que li o que me chamou mais atenção foi a desvalorização que há em nossa região e vi que é preciso que valorizemos o nosso semiárido, pois ele tem muitas riquezas que precisam ser exploradas de forma correta e assim estaremos nos valorizando também” (Estudante VIII).

Embora a resposta do Estudante V, nos permita entender que seu aprendizado com o auxílio do cordel dependerá de seu interesse pelo tema, torna-se cada vez mais evidente, os benefícios que a literatura de cordel pode dispor através do seu uso contínuo nas salas de aula. É fundamental destacarmos também a contribuição dada pelo cordel na consolidação da contextualização da educação para convivência para o semiárido - corroborando essa afirmação, as palavras do Estudante VIII.

Embora alguns críticos literários defenderem o uso tradicional da poesia popular, também acreditamos que a literatura de cordel não deva ser usada como “pretexto” para ensinar conteúdos específicos ou como “figurante” e “enfeite” para aulas, tentamos com esta pesquisa, recriar o cenário em que a literatura de cordel atua como recurso didático, de uma maneira coerente e eficaz, sem perder seu brilhantismo nem sua magia cultural. Os próprios docentes dão sua opinião sobre as possibilidades do uso do cordel como ferramenta auxiliar didática:

“Sim. A cada disciplina devemos propor novas formas de aprendizado e o cordel permite uma análise histórica, regional e literal, pois são criados por pessoas simples, mas que traçam nossa história ao longo dos tempos” (Professor I)

“A língua portuguesa é extremamente plural para propagar esse tipo de literatura que, com mais esse recurso possibilita o conhecimento da mesma” (Professor II)

E quando interrogados se acreditavam que o uso da literatura de cordel em sala de aula, representava uma maneira de contextualizar o ensino no semiárido, os professores responderam:

“Como professor acho de grande importância que os alunos antes de conhecer a história do mundo, conheçam a história de sua

região, seus costumes e tradições. E vejo a literatura de cordel como uma boa opção” (Professor I)

“Levando-se em consideração que a literatura de cordel representa poeticamente a vivência de nossa região e que o alunado já evidencia um conhecimento prévio, torna-se viável e receptivo para a aprendizagem e divulgação dessa literatura” (Professor II)

Os estudantes, também responderam se desejavam ter o cordel como ferramenta pedagógica de auxílio utilizada com mais freqüência na escola:

“Sim. Porque além de transmitir ao aluno conhecimento, também estaria educando para que os alunos se aproximassem mais da cultura nordestina e a cultura em modo geral” (Estudante I).

“Sim. Para que possamos dar valor ainda mais na nossa cultura e estimular ainda mais a leitura e o conhecimento” (Estudante II)

“Sim, pois nos estimula a ler e adquirirmos mais conhecimento sobre nossa cultura” (Estudante III)

“Sim: é uma coisa bem mais prática e vc ia aprender bem mais rápido e ia ler com mais freqüência” (Estudante IV).

“Sim, porque adoro poesias, versos, etc” (Estudante V)

“Sim, porque traria mais informações sobre os conteúdos” (Estudante VI)

“Sim. Porque é uma forma de conhecer as diferentes culturas populares de uma maneira mais interessante.” (Estudante VII)

“Sim, pois as aulas se tornariam mais interessantes e a leitura de cordel passaria a ser mais valorizada, assim como já faz parte da nossa cultura regional” (Estudante VIII)

É importante destacar que temos a consciência de que, para defendermos o uso da literatura de cordel e suas contribuições na educação do cariri ocidental paraibano, se faz necessário uma pesquisa mais apurada e com uma abrangência de investigação bem maior da que conseguimos explorar neste trabalho.

No entanto, estes são os primeiros passos de uma caminhada que propõe mais estudo e mais investigação nas escolas públicas da nossa região. O nosso trabalho não se encerra aqui, o desejo de ir mais além nos impulsiona a buscar mais evidências que possam ratificar nossas idéias. É um compromisso que assumo como professor e como pesquisador de nossa cultura.

Assim, pensar na contextualização da educação no semiárido é lutar por novas políticas públicas de incentivo à educação, incentivar a cooperação dos agentes fazedores de educação e, principalmente, divulgar novas práticas pedagógicas produtivas e voltadas para os saberes populares. É para a escola e somente nela, que poderemos recriar nossas práticas, metodologias e convivências. Não adianta discutirmos, estudarmos e divergirmos se não repensarmos o nosso fazer pedagógico e nossa prática docente. A educação só pode ser mudada pelos seus agentes principais: professores e estudantes.

Infelizmente, como nos sinaliza o escritor Joel Rufino:

(...) que a criança ao chegar na escola tem grande capacidade de fabulação (...) de inventar histórias, de ouvir e contar histórias, Isso é anterior à leitura, ao conhecimento do livro. E a escola (...) tem horror à fabulação, rejeita a capacidade de fabulação da criança. (...) Quanto mais a criança sobe na carreira escolar; menos gosto ela tem pela literatura, menos ela gosta de ler; ouvir e contar história. Então, pode-se dizer; nesse sentido específico, que a escola é o túmulo da literatura. (RUFINO, 1994 p. 42)

Portanto cabe a nós, docentes, estudantes, pesquisadores, sujeitos inseridos no contexto escolar; ressignificar nossos conceitos sobre literatura, sobre cultura e sobre os saberes populares. Cabe a nós, reinventar nossas práticas pedagógicas e abrir nossas mentes e corações de maneira que a educação contextualizada transformadora possa criar raízes em nossas escolas e nas nossas metodologias educativas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intenção de pensar a abordagem da literatura de cordel nas salas de aula do semiárido brasileiro, como uma proposta de interação didática entre docentes e educandos, esta pesquisa nos possibilitou o desenvolvimento de algumas considerações sobre a trajetória até o alcance de tais objetivos.

Através da análise das observações dos próprios docentes e estudantes, pudemos alcançar os objetivos propostos quando nos utilizamos dos resultados das atividades pedagógicas envolvendo o cordel e os educandos. As contribuições positivas em relação ao uso da literatura de cordel como ferramenta auxiliar na educação, possibilitaram uma análise em que a contextualização da educação no cariri ocidental paraibano pode ser efetivada através desta prática pedagógica.

Percorrendo uma leitura diversificada e um referencial teórico capaz de transmitir confiança e, principalmente, esperança no alcance do êxito; fomos conduzidos pelas definições exatas acerca de cultura e sua diversidade e beleza. Os saberes populares e a literatura de cordel puderam galgar novas diretrizes e conceitos, uma vez unidos a concepção de contextualização da educação para convivência transformadora com o semiárido brasileiro.

O contato com os docentes e os estudantes permitiu uma interação onde o respeito pelas limitações pessoais e a amizade conseguiu proporcionar um cenário de concentração e estímulo. O resultado deste encontro pode ser conferido na presteza das respostas e nas demonstrações de entendimento acerca do tema estudado, tanto professores quanto estudantes, permitiram criar um entendimento sobre conjuntura de cada um em relação à literatura de cordel.

O fazer docente e as práticas pedagógicas encontrarão neste trabalho, uma nova reflexão acerca do uso da literatura e do cordel na sala de aula. Os estudantes, tanto do Ensino Médio como da educação de Jovens e Adultos – EJA, encontrarão nesta pesquisa, contribuições que permitam lançar um novo

olhar sobre a literatura popular e sua utilização como recurso didático que permita a sua aproximação com diversos conteúdos didáticos e paradidáticos.

Numa sociedade cada vez mais capitalista e com evidentes práticas sociais e pedagógicas herdadas de uma época colonial que resiste ao futuro tecnológico, globalizado e sem fronteiras. A literatura de cordel, conforme acompanhamos nesta pesquisa, segue um caminho consonante às mudanças atuais com características próprias de sua criação; sem perder seu brilho e sua capacidade de conduzir leitores ao mundo da leitura e da informação de uma maneira objetiva e atenta às linguagens populares e cenários comuns ao povo do semiárido. Provando que o rústico pode compactuar com a modernidade e o popular não precisa sucumbir às tendências tecnológicas ou às novas possibilidades de fazer educação.

O cordel, conforme tratamos oportunamente, assume um papel de parceiro na efetivação da contextualização da educação e do currículo escolar; com seus traços linguísticos distintos capazes de simplificar a comunicação com os estudantes semiletrados e também letrados do semiárido, possibilitando uma ruptura com o paradigma de “conhecimento universal” e recriando o cenário de ensino tanto na alfabetização quanto no ensinamento de conteúdos diversos.

É o poder da poesia! Que nos guia ao longo destas reflexões e que propomos como uma nova maneira de pensar nossas práticas docentes, não como desprezo ao que é novo, mas com respeito e consciência ao que nos representa na cultura popular para um cultura universal.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Leandro, o poeta. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1976.

ANDRADE, José Maria Tavares de. **Complexidade: educação, cultura e civilização**. Recife. UFPE, 2009.

ASSARÉ, Patativa. **Cante Lá que eu Canto Cá**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAGA, Medeiros. **Cordel ao Educador Paulo Freire**. Mossoró: Queima-Bucha, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

\_\_\_\_\_, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal; Câmara dos Deputados, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura Popular e Educação, Salto para o Futuro**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

CARVALHO, L. D. A Formação Histórico-Geográfica do Semiárido Brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **Educação e convivência com semi-árido: reflexões por dentro da UNEB**. Juazeiro: RESAB, 2011.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

FORTALEZA, Zé Maria de. **A Gramática em Cordel**. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **O Cordel Como Fonte Documental para o Ensino de História**. Curitiba: UFPR, 1985.

LINS, Cláudia Maisa A. **Educação e Convivência com o semiárido, Reflexões por dentro da UNEB**. Juazeiro: UNEB, 2011.

MELO, Veríssimo de. **Literatura de Cordel: antologia**. Organização e notas de Ribamar Lopes. 2. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1983.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é a Literatura de Cordel**. São Paulo. Brasiliense, 2005.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. **A Dimensão Afetiva na Educação Popular**. João Pessoa: UFPB, 2003. (Caderno de Educação Popular).

MALVEZZI, R. Fazer Água. In:\_\_\_\_\_. **Água de Chuva: O segredo de Convivência com o Semi-Árido Brasileiro**. São Paulo: Paulinos, 2001.

MEDEIROS, IRANI. **No Reino da Poesia Sertaneja**. João Pessoa: Ed Universitária, 2002.

MELLO, Marcelo. **Marcelo Melo web**: site pessoal. Disponível em:< [www.marcelomelloweb.cjb.net](http://www.marcelomelloweb.cjb.net)>. Acesso em: 15 ago 2011.

MEURER, José Luiz. Uma Dimensão Crítica do Estudo de Gêneros Textuais. In:\_\_\_\_\_; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org). **Gêneros Textuais**. Baurú-SP: EDUSC, 2002.

MOURA, Fernanda Chaves de. **Brincando com a Bicharada: a leitura de sextilhas e folhetos no Ensino Fundamental I**. Campina Grande: UFCG, 2009.

NÓBREGA, Maria Luciana da Silva. **Educação e Convivência com o semiárido: Reflexões por dentro da UNEB**. Juazeiro: UNEB, 2011.



PANELAS, Oliveira de; SILVA, José de Souza. **Outra visão, Outro Sertão**. Campina Grande, INSA, 2011.

PINHIRO, Helder. **Poesia na Sala de Aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PRATA, Ary. **Uma súplica para o semiárido**. Monteiro: Mons. Rodas, 2011.

PRATA, Arysttótenes da Silva. **O que é o semiárido?**. Monteiro: Mons. Rodas, 2010.

RUFINO, Joel. **Cultura Popular e Educação: Salto para o futuro**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <  
<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145140LinguagensACP.pdf>>. Acesso em: 05 jun 2011.

SANTOMÉ. Jurjo Torres. Descolonizar o Currículo: estratégias para uma pedagogia crítica: Dois ou três comentários sobre o texto de Michael Apple. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Escola Básica na Virada do Século**. Cultura, Política e Currículo. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, René Marc da Costa (org). **Cultura Popular e Educação: Salto para o futuro**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em:  
[http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/imagens/livros/livro\\_salto\\_cultura\\_popular\\_e\\_educacao.pdf](http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/imagens/livros/livro_salto_cultura_popular_e_educacao.pdf). Acesso em 05 jun 2011.

SILVA, Gonçalo Ferreira da Silva. **Vertentes e evolução da Literatura de Cordel**. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

SILVA, Andréa Betânia da. **O Trabalho com Cordéis em Sala de Aula: Pendurando Preconceitos e Colhendo Frutos**. Juazeiro: UNEB, 2007. Disponível em: <  
[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem12pdf/sm12ss02\\_01.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem12pdf/sm12ss02_01.pdf)> . Acess em: 22 set 2011.

VIANA, Arievaldo. **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Encaixe, 2010.